

RUA PAULO LOBO

Lei nº 943 de 23-06-1953

Formada pela rua 6 do arruamento Nova Campinas
Início na rua Coronel Francisco de Andrade Cou

tinho

Término na avenida José de Sousa Campos

Nova Campinas

Obs.: Lei promulgada pelo Prefeito Municipal Antonio Mendonça de Barros.

PAULO LOBO

Paulo Alvares Lobo nasceu em Itu a 17-março-1871 e faleceu em Campinas, a 26-junho-1932, sendo filho do maestro Elias Lobo e Elisa Eufrosina da Costa. Fez os primeiros estudos no Colégio São Luiz, em Itu, onde foi admitido na Arcádia Gregoriana, a Academia de Letras do Colégio, isto com 12 anos de idade. Concluído seu curso no São Luiz, ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo, na qual se bacharelou em 1896. Durante esse período, foi voluntário do Batalhão Acadêmico, por ocasião da Revolta da Armada, em 1893, fazendo parte da guarnição legalista na barra de Santos e na Fortaleza de São João, na baía do Rio de Janeiro. De índole jornalística, em 1893 passou a fazer parte da redação do "Diário Popular", onde permaneceu até 1897, para em seguida trabalhar na "A Platéia" e depois em "A Nação". Pertenceu ao Partido Republicano Paulista junto à Francisco Glicério, a quem sempre acompanhou. Advogado, instalou seu escritório em Campinas, em companhia de seus irmãos Antonio e José, ao mesmo tempo que ingressava, como colaborador na "A Cidade de Campinas" sob a direção de Alberto Faria. Aí, passou à Secretário de redação e finalmente à redator-chefe, onde permaneceu por quinze anos e deixou marcas indeléveis de sua inteligência, sensibilidade e forte personalidade. Deixando a imprensa passou a dedicar-se à advocacia indo ocupar o cargo de diretor da Recebedoria de Rendas Estaduais de Campinas. Dotado do dom da oratória, celebrou-se em seu tempo com brilhantes discursos. Apaixonado pelo turfe, reconstruiu o hipódromo da cidade, introduzindo uma infinidade de melhorias, transformando-o no terceiro melhor do país, incentivando o gosto pelo nobre esporte. Ainda nesse setor, instalou um posto de remonta, dando ênfase à criação de puros sangue, transformando Campinas em respeitável centro reprodutor equino. Campinas através dos diversos setores culturais, prestou-lhe significativas homenagens. Teve seu retrato inaugurado nas sedes da Associação Campineira de Imprensa e do Clube dos Advogados, além de seu nome ser escolhido para patrono da Cadeira nº 29 da Academia Campinense de Letras, que teve como fundador Celso Maria de Mello Pupo.



Lei n. 943, de 23 de Junho de 1953

Dá o nome de "Paulo Lobo" a uma rua da cidade

A Câmara Municipal decreta e eu, Prefeito do Município de Campinas, promulgo a seguinte Lei:

Artigo 1.º — Fica denominada "*Paulo Lobo*" a rua 6 do arruamento Nova Campinas, que tem início na Rua Coronel Francisco Andrade Coutinho e término em a Avenida José de Sousa Campos.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 23 de junho de 1953.

A. Mendonça de Barros
Prefeito Municipal

Publicada no Departamento do Expediente da Prefeitura Municipal, em 23 de junho de 1953.

O Diretor,
Admar Maia

RUA PAULO LOBO



DR. PAULO ALVARES LOBO
 — JORNALISTA VIBRANTE
 E ADVOGADO DE TALENTO

Não tivemos, ao relacionar os mortos desta cidade que em vida se conduziram acima do comum e que criaram em torno de si uma personalidade de prestígio e nomeada, intenção de escolher nomes e selecionar valores. Os nomes foram surgindo, na nossa memória, se impondo alguns pela bagagem de serviços à coletividade, outros pela aureola de brilhantismo que sustentaram no nosso meio. Um desses nomes foi o do dr. Paulo Alvares Lobo. Nascido em Itú, veio para Campinas logo que se formou em direito, pela Faculdade de Direito de São Paulo. Integrou-se, desde logo, na vida da cidade, que seria mais tarde a sua terra de adoção e que guarda hoje os seus despojos. Jornalista, ele o foi dos mais vibrantes. Redatoriu, com descortínio e senso invulgares, a "Cidade de Campinas". Advogado, dignificou e honrou sobremaneira a nobre profissão que celebrizou Clovis Bevilacqua. Exerceu, em caráter interino, certa ocasião, a promotoria pública nesta cidade. Muitos são os traços que caracterizaram a sua vida; que esteve a serviço do direito e de todas as causas e de todas as atividades que dignificassem a pessoa humana.

(Extraído da reportagem "Eles Vivem na Saudade e na Veneração de Campinas...", de autoria do jornalista Santos Junior, estampada na edição nº 7356 do jornal "Correio Popular" de Campinas de 02-novembro-1952)



Ruas de Campinas

(Trabalho de ALAOR MALTA GUIMARÃES)

X X X

PAULO LOBO

(Começa na Coronel Francisco de Andrade Coutinho e termina na Avenida José de Sousa Campos, no Bairro da Nova Campinas.)

A denominação foi dada pela Lei n. 943, de 23 de Junho de 1953. Tem 14 metros de largura.

DADOS BIOGRÁFICOS: O Dr. Paulo Álvares Lobo, filho do M.^o Elias Álvares Lobo e de d. Elisa Eufrosina da Costa Lobo, nasceu na cidade de Itú aos 17 de Março de 1871, fazendo ali, os seus primeiros estudos. Bacharelou-se, após, pela Faculdade de Direito de S. Paulo. Foi voluntário do Batalhão Académico, na revolta da Armada em 1893, fazendo parte da guarnição legalista da barra de Santos e da Fortaleza de S. João, na baía do Rio de Janeiro. Quando estudante, dedicou-se ao jornalismo e sendo dotado de largos e vigorosos recursos intelectuais, deixou talvez a mais vasta coleção de artigos os mais variados. De 1893 a 1897, encontramo-lo no "Diário Popular"; na "Platéia", quando no auge pe-

riodo da administração de Araújo Guerra, e na "Nação", ao lado de Herculano de Freitas, sempre participando, ainda, da renhida campanha "Glicérista". Oficial de Gabinete de Alvaro de Carvalho, então Secretário da Justiça, fez parte do Governo Estadual de Campos Sales.

Após a sua formatura quando passou a advogar, primeiramente com Costa Carvalho e depois com seus irmãos José e Antonio Lobo, destacou-se pela segurança dos seus conhecimentos jurídicos pelo brilhada sua palavra, pela precisão da sua linguagem, tornando-se orador de singular espontaneidade, chegando mesmo a ser um dos mais famosos polemistas da época.

Não permaneceu ausente da imprensa campineira, pois depois de colaborar na "Cidade de Campinas", passou a dirigir o referido jornal. Seus editoriais sempre foram em favor dos fatos e na defesa da verdade.

Como esportista, apaixonado que era do turfê, a ele deve-se a existência do Jockey Clube de Campinas que não desapareceu em fases agudíssimas, graças à dedicação e trabalhos de Paulo Lobo que, quasi sem recursos e coadjuvação, reconstruiu o Hipódromo, fazendo nele novas arquibancadas, cocheiras, e mais uma infinidade de benfeitorias. Instalando um posto de remonta com magnífico reproduzidor. Tantos e tão grandes foram os seus trabalhos em benefício do "turfê", que recebeu o título de sócio honorário do Jockey Clube de S. Paulo.

Ao falecer, em 26 de Junho de 1932, ocupava o elevado cargo de Diretor da Recebedoria de Rendas do Estado.



Personalidade de Paulo Lobo

O orador da noite, o sr. Celso Maria de Melo Pupo, jornalista e diretor da Recebedoria de Rendas desta cidade, tem-se dedicado intensamente às atividades intelectuais, através de artigos publicados e palestras pronunciadas.

Falará, assim de Paulo Alvares Lobo, patrono da cadeira n.º 29 da Academia Campinense de Letras, que será homenageado em sessão pública e solene nos salões do Centro de Ciências, Letras e Artes.

Paulo Alvares Lobo nasceu em Itú em 1871. Foi aluno do Colegio "São Luiz", no qual aos doze anos de idade pertencia à Arcadia Gregoriana, entidade que congregava os mais talentosos alunos. Coursou a Faculdade de Direito de São Paulo na qual se bacharelou em 1896.

Indole de jornalista, em 1893, entrou para o "Diário Popular", nele escrevendo até 1897 para pertencer, depois, à redacção de "A Platéia", com Araujo Guerra e "A Nação", com Herculano de Freitas de quem foi grande amigo por toda sua vida.

Pertenceu ao velho Partido Republicano Paulista, juntando-se ao grupo de Francisco Glicerio a quem acompanhou sempre, quer nos períodos de prestígio, quer nos tempos do seu ostracismo.

Logo depois de formado instalou sua banca de advogado em Campinas em conjunto com os seus irmãos Antonio e José Lobo, entrando para o corpo redatorial de "A Cidade de Campinas" em cujas colunas escreveu por cerca de quinze anos, a maior parte deles como redator-chefe.

Escritor primoroso, tinham seus artigos singular repercussão, não só os literários como os que tratavam da politica federal, do Estado e do Municipio.

De rara pugnacidade, sustentou, sempre vantajosamente, vivas polémicas, em puro estilo e linguagem elevada como sempre conservou mesmo nos mais acirrados debates.

Foi um turfinha apaixonado de vendo-lhe o Jockey Club Campineiro a sua existencia: readificou o hipódromo de Campinas e incentivou a criação de puros sangue e o gosto pelo nobre esporte.

Como advogado brilhou na tribuna jurídica com trabalhos de valor e como orador fluente e de grandes dotes de espirito e cultura sempre se manteve entre os melhores de Campinas.

Na ultima década de sua vida ocupou o cargo de diretor da Recebedoria de Rendas Estaduais, foi católico convicto e de grandes conhecimentos doutrinaes. Falleceu em 26 de junho de 1932.

Tem sido homenageado com a perpetuação do seu nome e da sua effigie, pela Associação Campineira de Imprensa e pelo Clube dos Advogados.

Notícias Acadêmicas

Conceição Arruda TOLEDO

CADEIRA N.º 29 — Esta cadeira da Academia Campinense de Letras pertence ao sócio fundador Celso Maria de Mello Pupo, empossado em sua sessão inaugural, no Centro de Ciências, Letras e Artes, a 22-11-1956 e tem por patrono, a Paulo Alvares Lobo.

PAULO ALVARES LOBO — Nasceu em Itu a 17 de março de 1871, filho do maestro Elias Lobo e de Da. Elisa Eufrosina da Costa.

Fez os primeiros estudos no Colégio São Luiz, em Itu, matriculando-se all, com dez anos de idade, em 1881. Depois do curso preliminar, em 1883, foi admitido na primeira série, entrando para a Arcádia Gregoriana, — a Academia de Letras do Colégio, — aos doze anos.

No ano de 1886, depois de concluir seus estudos no Colégio S. Luís, onde adquiriu sólida base cultural, submeteu-se aos primeiros exames preparatórios em S. Paulo.

Ingressou na Faculdade de Direito em uma época de grande agitação, no alvorecer da República, num período em que as forças político-econômicas do país se agravavam, fomentando descontentamentos que resultaram em choques entre os republicanos e os opositores do novo regime.

Paulo Alvares Lobo fez parte do Batalhão Acadêmico, guarnecendo, em Santos, e no forte de São João, no Rio de Janeiro, as posições e a única peça de artilharia que fora entregue aos acadêmicos.

Sua vida acadêmica dividiu-se entre os estudos, o jornal e os comícios políticos. De 1893 a 1897 fez parte do corpo redatorial do "Diário Popular". Bacharelou-se na turma de 1896, da qual faziam parte Mário Tavares, Ataliba Leonel, Fausto Ferraz, João Chaves, Pedro Arbues e outros grandes nomes da vida nacional.

Trabalhou ainda na "Platéia", em "A Nação" e no jornal "A Cidade", sob a direção de Alberto Faria, em Campinas, sendo primeiramente, colaborador, depois, secretário de redação e finalmente, redator-chefe, deixando em suas páginas a marca de forte personalidade e fina sensibilidades literária.

Tratou com igual eficiência assuntos econômicos, política nacional, internacional e local; manteve acirradas polémicas, não dando margem a que seus contendores tirassem vantagem; fez crítica musical e literária, imprimindo em todos esses setores, o cunho da seriedade e competência jornalística.

Deixando a direção do jornal, até 1920 entregou-se inteiramente à advocacia, passando a ocupar o cargo de diretor da Recebedoria de Rendas Estaduais de Campinas, continuando a exercer o jornalismo com absoluta independência, tratando de diversos assuntos de interesse para a vida da cidade e da nação.

Outro traço característico de Paulo Alvares Lobo era a profunda convicção religiosa, cujos conhecimentos doutrinários, devia-os às influências familiares e à sólida orientação recebida dos zelosos jesuitas do Colégio S. Luís, de Itu.

Paulo Alvares Lobo tinha desmedido amor à cidade de Campinas. Aqui casou-se e teve filhos. Aqui advogou e, com seus irmãos Antonio e José Lobo, fez do jornalismo uma bandeira a serviço da pátria, dos nobres ideais e do culto à língua mãe.

Dotado de notáveis dons oratórios, brilhantíssimo e espontâneo, participou da vida social, cívica e judiciária da cidade de Campinas, celebrizando-se entre seus conterrâneos que muito o admiravam.

Colaborou nos jornais de S. Paulo e do Rio de Janeiro, subscrevendo suas crônicas com pseudônimo, ou não assinando artigos de sua redação, o que é de lamentar-se, pois sua obra literária ficou dispersa, à espera de que alguém a descubra nas redações dos jornais em que colaborou, recolhendo-a em volume que lhe perpetue o nome, fazendo-lhe a merecida justiça.

Paulo Alvares Lobo faleceu em Campinas, aos 61 anos de idade, a 26 de junho de 1932, deixando seu nome indelevelmente ligado à cidade, ao jornalismo e ao forum local, prestigiados pelo seu espírito de justiça e combatividade.

Em sinal de reconhecimento pelos seus préstimos, a Municipalidade houve por bem, denominar uma de suas vias públicas com o nome de Paulo Lobo.

O titular da cadeira n.º 29, Celso Maria de Mello Pupo, proferiu no Centro de Ciências, Letras e Artes, a 26 de julho de 1957, o "Elogio de Paulo Alvares Lobo", que veio a constituir o n.º 7 das Publicações da Academia Campinense de Letras.



Paulo Lôbo - esteta da beleza e do arrebatamento da palavra

Em sessão solene realizada há pouco no salão nobre do Centro de Ciências, o sr. Celso Maria de Melo Pupo, ao fazer o elogio do seu patrono, — Paulo Lôbo — na Academia de Letras local, proferiu o seguinte discurso:

"No gozo da graça que me concedeis, de ser ouvido na mais alta corte literária de nossa terra; amedrontado e vacilante, entre a consciência da responsabilidade e do risco e o desejo de alcançar mais uma remissão para os meus dizeres incertos e para o meu tartamudear nas letras, peço-vos que considereis o meu embaraço que mais cresce e mais me envolve diante da excessiva figura de Paulo Lôbo, meu patrono sublimado pela fé, pelo caráter e por brilhante e destro talento. Estivesse em meu lugar, como ele um esteta da beleza e do arrebatamento da sua palavra, da precisão, da transparência, da sonoridade das suas letras e da profundidade do seu conhecimento jurídico, para com maestria apresentar-vos o jornalista, o advogado, o mestre da oratória, o aristocrata do espírito que por muitos anos distribuiu, generoso, as riquezas da sua inteligência, e não estardes vós à mercê do meu carpintejar literário.

Valho-me do mimo de vossa bondade.



Se o jornalista é aquele arauto do bem e da beleza, o entusiasta da publicidade honesta que leva ao recôndito dos lares a verdade benfazeja, o aplauso merecido, o medir com justiça, o noticiar de sádios folgarões, o ensinar com sabedoria, o aprimorar das letras e a pureza da língua, esse era Paulo Lôbo que desde os tempos colegiais alcançou os cumes da primazia, a deixando além dos seus pares num pontificado do intelecto Polígrafo, no jornalismo, seguro na vernaculidade de um clássico, tanto escrevia da galanteria graciosa do social convívio da época, como da política e da administração, como dos cânones da ciência econômica, como dos fitigores das tardes lindas de Campinas ou dos lírios anjinhos da Senhora da Conceição nos esplendores da fé cristã de gente campinense. O brilho de sua pena fulgurou sempre: no romance da sua mocidade, no embate das suas polémicas, justo, rijo, intrépido; altaneiro e vivaz, amovível e poeta, distribuía a sonoridade de um descrever bucólico, poetava na sua prosa sobre as grandezas da terra, afervorava corações com os eflúvios do místico falar das coisas do céu; e vergastava a impostura, sempre nas alturas da sua dignidade, como si o senso da nobreza lhe molhasse a pena em cada pensamento. Quando de mister um corretivo, bramava impávido e irresistível, o látego desmascarando a calúnia e ironizando o que se adornava de mentiras. Polemista dos mais destros, ágil e vibrante, dispunha de imensos recursos para esgrimir vantajosamente, sem falar rasteiro, levando a palma pela solidez do argumento ou pela dureza da sua verdade.

Para que não dicamos só o meu dizer, demos a palavra a um dos seus companheiros de redação, o poeta e jornalista Victor Caruso, preciosa testemunha na palestra que fez há dois anos na Associação Campineira de Imprensa:

"Paulo era uma creatura adorável.

Sempre de bom humor, tinha uma alegria contagiante. Advogado dos mais conspícuos embora, era na imprensa o seu lugar. A arte da oratória o destacou nesta terra que conheceu o grande Cesar Bierrenbach. Pode-se dizer que nasceu para as lutas e as emoções da imprensa. Na "A Cidade" escrevia as suas crônicas e os artigos de fundo que — seguindo as praxes de então — abriam obrigatoriamente o jornal. E era admirável a fa-

cilidade em que produzia sob a assinatura de "Nunzio Naso" e "Buon Giorno". As vezes, com preguiça de escrever, ditava. E era eu quem apanhava o artigo. Ditava-o dum fôlego; e, no fim, o relia e nenhuma correção lhe introduzia. Nas notas, ou notícias importantes que redigia ficava a marca do seu estilo inconfundível. Era outro perfeito conhecedor da língua portuguesa. Lia muito os clássicos e o que escrevia tinha um cunho de Manuel Bernardes". "Dele direi mais, que ninguém o excedeu, ainda, como cronista, como comentador do fato diário".

Da sua época, era o amigo e grande caráter Durval Ferrão recentemente falecido. Também escreveu sobre Paulo Lôbo, em periódico jocoso do ano de 1912 para nos deixar relato jovial num perfil precioso que assim se encerrava:

"Seu estilo corrente, agradável, puro, a Vieira, tem um cunho original que a observação e o estudo conseguiram firmar, deleitando a quem lê seus artigos e ouve seus discursos, pois é ele ainda um dos melhores e mais recitados oradores de Campinas".

Realmente, orador espontâneo e eloquentíssimo, seu falar era o rebombo de gigantes águas desvendadas do alto, claras, cristalinas, borbulando as luminárias do seu dizer gracioso e elegante, espraiando-se transparentemente com as néveas, espumas da sua riqueza vocabular, eletrizando entusiasmos, resplandecendo de inspiração que o fez grande nas lides tribunaes. Mestre consumado, a textura das suas elocucões, grácil, plena de erudição ou veemente e persuasiva, marcava-lhe a consagração alinhando-o na vanguarda dos melhores do seu tempo.

Advogou com prosciência vencendo em pleitos renhidos e difíceis, tendo sido no civil e na criminalística, um dos nomes mais consagrados. Advogado de mais pura consciência, cristã nunca desmentiu a solidez das suas convicções como um apóstolo do direito como defensor dos oprimidos, no desamparo das reivindicações de justiça para os que se acobriam aos conhecidos jurídicos do advogado pagado. Em alguns casos que se destacaram ou pela matéria que envolviem ou pela repercussão no meio social teve um campo para exercer o talento do seu ministério: dentro dos seus princípios religiosos como fez em acção de desquite confirmando o matrimônio na própria "qualidade sacramental" na pro-

pria "origem divina"; ilustrou autos de processos que conservam o saber jurídico do hábil advogado e honrou a tribuna do juri por exceler nela com seus dotes singulares, impressionado pela sua característica prontidão em se utilizar do inesperado revidando com espírito, acuidade e absoluta segurança, um asserto do adversário. O seu talentoso sobrinho Pelágio Lôbo em apreciação sobre trabalhos de advogados, diria mais tarde que o vivíssimo foi era aquele advogado que lia "um pouco e adivinhava o resto".

Na vida turfística teve um destacado lugar; ainda estudante mas já cronista esportivo, dedicou-se ao turfe com singular entusiasmo; conhecedor de todas as particularidades deste esporte, não se satisfazia no deleite do aficionado mas se entregava a grandes trabalhos realizações que o guindaram a Sócio honorário do Jockey Club de São Paulo. A sobrevivência do Jockey Club Campineiro deve-se a Paulo Lôbo, sócio diretor e presidente até em tormentosos dias que ele soube transformar em fase de renascença para poder ele mesmo dizer: "eramos inglórios detentores de ruínas e somos agora senhores do terceiro Hipódromo do país".

Remontando-nos ao século dezesete e estendendo as nossas vistas pela velha Europa, veremos a famosa cidade de Antuérpia agitada em lutas religiosas seu ativo comércio estagnado, suas empresas decadentes suas riquezas arruinadas e seus filhos expatriando-se em busca de paz em outras terras, em busca de fortuna. A cidade tão cheia de glória, tão marcada pelo esplendor da grandeza que se apagava, pátria de ilustres, pátria de artistas, de pintores que nasceriam com os nomes de Rubens e Van Dyck, decata do seu orlho: entre os retirantes, Pedro Felou de Lannoy, fidalgo e soldado, buscou as terras portuguesas no solo colonial do Brasil infante, para ser aqui militar com alto posto de mestre de campo e capitão-mór governador da capitania do Ceará em a gidadíssima período de sua conquista. Foi este flamengo casado com Isboeta, D. Joana Lôbo de Albertim, filha de pai também militar, português, da mais alta nobreza da península, vindo ao Brasil a serviço de sua pátria e do seu rei.

Do casal, dois filhos registram os alta ibis, Luiz e Manuel

como escritor peregrino.

"A Cidade" jornal diário da direção de Alberto Faria, depois membro da Academia Brasileira de Letras, formava na Imprensa honesta de Campinas. Nele foi Paulo Lobo primeiramente colaborador, depois secretário de redação e finalmente redator chefe. Fazendo daquelas colunas um manancial de tolas da sua pena de jornalista que na época deixava extravasar seu sentir de moço, moço ainda na fase do sonho nimbado de romantismo, sentindo o vazio do celibato e ansiando por um lar seu e por um afeto constante e puro. Eram os pendores do coração bem formado que mesmo nas procelas do grande mundo chegam ao dia de almejar quem compartilhe de sua vida, sentindo extranhamente um vago descañte de sua alma, um envolver de extases, um desabrochar de afetos, um anseio indistinto, incompreensível mas que se materializa mansamente evoluindo para uma silhueta de mulher. Eis aí, quando nos dá Paulo Lobo, mostra da pujança do seu estilo em confidências a Enzo Grimaldo formosas confidências cheias de naïxão e lirismo, repassadas da delicadeza de quem elegia as colunas do jornal relicário da harmonia dos acordos mais íntimos do seu coração. Dizia ele:

"Cumpro a promessa.

Em uma tarde roixa, bem me lembro, crepúsculo propício aos eflúvios da saudade, vi-a pela primeira vez; e então, sob o extranho, inesperado influxo do seu conspecto senti este contraste que ponho diante de ti, meu Grimaldo: — a natureza sombria emoldurada no poente esmaecido e mádido, quasi desfeito em sombras, emotival, indistinto, sugerindo melancolias — e a madrugada lúcida que aquela figura de criança resumia no fulgor imaterial de seus quinze anos, suaves como bençãos — inspirando deleites.

Três anos fazem que o ocaso roixo dessa tarde, em seguida noite estrelada, órfão do sol que é, viu pela primeira vez, a primogênita da luz, a aurora triunfal nos vivazes clarões, do meu amor nascente.

Lembras-te, estou certo, dos meus queixumes de enfado, anseios de alma deseita de "aspirações e ideais, que acreditavas serem visões e fantasias.

Não o eram.

Nessa tarde meus olhos viram na conformação líria daquela criança, meiga como promessas, aquilo que faltava ao ermo do meu espirito".

Logo a seguir, aquele coração moço e apaixonado, em rimas embevecidas, dizia do seu amor nas âncias da dúvida:

"Junja-se ao verso, em ritmo preclaro, esta saudade desalentadora, como exemplar de um orquídiário raro a esses troncos d'arvore, senhora. E a minha alma, crede, a minha pena aqui feita merce do tir profano das mesmas rimas que vão da pena — rude capricho de meu rude engano.

Pois, seja embora. A dúvida que resta digo vos já com precisão — é esta — saber quem mais se ri neste descañte: se o premeito, senhora, futil breve rindo da soledade que descreve, se vós do meu afeto a todo o instante." Mêsês após o enamorado fazia suas preces, transbordante o coração de felicidade e encantamento; não duvidava, exultava rememorando cuidados e bendizendo na poesia de suas palavras doces:

"Quando a Graça do Amor veio a mim travada nos raios benignos de tuas pupilas verdes, que são a minha luz, o Espírito rebelde, inspirado na descrença, pesou-me sobre as pálpebras e cerrou-as.

envolvendo-me em seu cáos maligno para que não visse em teus olhares o batismo que purifica, em teu primeiro sorriso a fé que salva.

"Mas, como a luz da Graça, irradiação divina, penetra os corações, impregnada de sons e flúvios, fugindo às tentações da impia dúvida, murmurou sua primeira prece e disse: "Benditos os teus olhos verdes, senhora, entre todos os olhos de mulher formosa".

"Os males do tempo conluíram a ruína do teu servo, para que o descañtesse e maldisseram dele.

A adversidade encarnou-se em forma feminina e compoz dessa matéria vultos de suave aspecto e assim surgiu diante de ti, deusa do meu culto.

Aí, á face de tua bondade ergueu o tribunal conjurador e como as falas femininas sabem a favos, toda a doçura de seu timbre verteu no pleito, articulando a minha indignidade.

E atribulada desse desconforto, no temor da perdição imminente, minha alma, murmurou, sua prece e disse:

— Pequeninas, álvãs mãos de menina, que os atalhos prevenis e o condão haveis que os passos guia para a bemaventurança, álvãs mãosinhas, benditas sejas vós".

"A vida tem enganos, senhora, tem os céus para cobrir o seu azul de bonança tintas mais negras que a noite, mantos mais pesados que a maldição.

Um sopro só desta mortal miséria o brilho apaga de mil constelações.

Os arremessos da sua iniqua voragem turbilhonam; sente-se minha alma prestes a desprender-se dá prisão de tuas cadeas, "mas voltendo-se a ti, balbucia sua prece e diz:

— Cabelos d'aureo fulgir, que venceis em carícia os setins mais raros e em perfume as corolas mais fragrantas, dai-me a curva desses aneis onde me prenda o benditos sejas vós.

E o gênio da descrença no vosso afeto curva-se, vence os males do tempo a tua bondade; e os teus olhos verdes, tuas pequeninas mãos e os teus cabelos aureos, artigos de minha fé que são, o nosso amor defendem!

Bendita sejas tu".

Um ano depois estava casado com a meninas dos olhos verdes.

Na faina jornalística, ocupbulhe a atenção a grande crise econômica causada pela baixa do café, quando se cogitou da queima deste produto, medida tantos anos mais tarde adotada mas que, então, evitou-se pela intervenção do governo Jorge Tibiriçá. Assuntos econômicos, interesses gerais do país, política internacional, política nacional e política municipal á qual se prendia solidário com o seu irmão Antonio que a dirigia com outros elementos de Campinas, foi digressão de sua pena.

Mas a política, ao findar a primeira década do atual século, agitou-se grandemente em Campinas com casos que se desvalaram para as discussões de campo menos nobre a que descem ânimos exaltados e cegados por essa exaltação. Retrata Paulo Lobo esta época:

"Os homens assim assumem aspectos horríficos, tétricos, descoradas as faces, encovados os olhos, crispados os tecidos, eriçados os cabelos, lampejantes as pupilas sobressaltadas, como se fossem feras escapadas de jaulas, após jejuns de dias longos e aguilhoados da cornelha aos quartos inquietos.



Não se permuta mais uma idéia, não se expõe mais um plano, e não mais se firmam pontos de amováveis palestras que, de pronto, á assimilação da injúria não supere exitada, não desvirtue os raciocínios para refutalhões que nos assoberbam, no tanto pela narrativa das patifarias alheias mas pela prodigiosa memória com que se guardam, conservam e desenvolvem fatos e atos que põe em pânico redações, não já de uma pessoa mas de uma geração".

E não deixava de haver mesmo portador de certa desenvoltura para retaliamento de dignidades e para desluzte da honrosa atividade da imprensa; chamava Zola de sapos esses artigos peçonhentos sidos de taispas, como bem observava o meu patrono, referindo-se a certo panfletário:

"Em tudo que escreveu não ha um período que se libere da insânia, do ultrage, e da impureza".

Não faltava repulsa a esse denegrir de conceitos; um antigo promotor da Comarca, deu a lume vibrante libelo, rimado, em formosíssimos alexandrinos, intitulado "O Sapo" e Paulo Lobo que não foi poupado mesmo na intangibilidade das suas qualidades pessoais, viu-se obrigado a enérgico rebate, famoso no seu tempo, nunca respondido e que pôz termo á impropérios. Porque na polémica era ele inigntável pela sua pugacidade e pela coragem com que enfrentava qualquer adversário; nunca deixava vantagem ao contendor, mas o confronto dos seus artigos com os contrários das suas defesas pois não iniciava a contenda mas se defendia com vigor, mostra á sua superioridade moral e intelectual e o desespero dos seus desafetos.

Como redator de jornal, suas atividades decorreram dos primeiros anos deste século até 1955. Desde o interior da redação do jornal que dirigia, era ele quem comunicava vida com a sua transbordante atividade. Ausentando-se certa vez para o Rio, com alguma demora, teve o seu sobrinho, ainda o Pelágio, colaborador diário em um mês de suas férias acadêmicas, ocasião de lamentar a soledade e descrever o ambiente agitado das noites de confecção do jornal, quando presente o redator chefe:

"E" que todos nos habituamos a passar numa fuga de pilhérias e de palestras no doce outono a que a camaradagem dá lanço, as rápidas horas em que os trabalhos da folha menos nos pezarão por estarem já em seu meio. Então, debruçados sobre as quatro mesas da redação, e entre a fumagada espessa e insolente dos "Castelões", instintivamente passamos em revista os fatos de monta do dia, envernizando-os muitas vezes de redículo para que eles escorreguem docilmente pela conversa, e não nos obriguem a discordâncias barulhentas a que está particularmente afeito por índole, por hábito, pelo exercício da tribuna judiciária e por exigências respeitáveis do aparelho vocal — o nosso redator.

Há as vezes debates formidáveis, há choques de idéias que chamam á porta os raros boquiabertos que transitam pelo largo, enquanto a sua verve aguda e penetrante enfusca e pasceia pelas opiniões dando-lhes cor, transmitindo-lhes vida, pondo-lhes um sopro de alma e de alegria que faz com que elas brinquem nos diálogos com fauceiras e pinotes de carnaval".

Porém, toda a sua exaltação atividade, toda a sua alegria, toda a sua fácil exasperação, facil mas passageira, rapidamente esqueci-

Handwritten signature or initials.

da, não privaram, antes impeli-ram Paulo Lobo a fazer das colunas da imprensa um extravasar constante do seu exuberante talento.

Conversador gracioso, em sociedade seu convívio atraía; falante de exposição fácil e cheia de espírito, superava nas rodas sociais com a força subtil de sua inteligência; vivo, animador, envolvia, contagiava, sempre eloquente, senhoril, imaginoso e vibrátil, dominando nos torneios da palestra, participou da vida elegante de Campinas naquela época em que a cultura a exalar francesismo cheio de graça, perfumava todos os encontros sociais mais requintados; naquela época em que o cultivo das letras se aprimorava distribuindo valiosas produções em prosa e verso; naquela época em que "A Cidade de Campinas", jornal de Paulo Lobo, dava aos leitores colaborações de Coelho Neto, O-lavo Bilac, Silva de Almeida, Mello Moraes Filho, Garcia Redondo, Visconde de Taunay, Felinto de Almeida, Medeiros e Albuquerque, Amadeu Amaral, Freitas Guimarães, Vieira de Almeida, Basílio de Magalhães e outros luminares; naquela época em que a par de apreciados

quartetos de câmara, ouviam-se grandes artistas do bel canto, conjuntos líricos em especial apreciados por Paulo Lobo que, sem conhecimentos teóricos da música, era, como filho de artista que lhe transmitiu o gosto, seu grão de conhecedor; destacavam-se as reuniões literárias, as festas da poesia e das obras primas como a Pastoral de Coelho Neto e a encenação da Ceia dos Cardiais na qual encarnou o meu patrono, o Montmorency mesureiro e galanteador a afirmar como tão bem lhe cabia na personalidade, que "enfim, o amor, pensando bem, não é só bravura, é o espírito também".

Mais tarde, já em dilatado caminhar da vida, compunha ainda Paulo Lobo, como patrono e sob o nome de Clodoveu, o grupo dos Monóculos e Lunetas, rapazes e moças da sociedade, reunidos para diversões de espírito. Foi para uma das suas tertúlias que ele, mestre também em outras línguas, verteu para o português "El Porco" de Trilussa, sem trair espírito e composição poética, como vamos ver:

"El Porco" (Versão rimada por Clodoveu)

Um velho porco a umas Vacas disse:

— Vou a isto por termo,
"que aqui viver já é porca tolice
é vegetar num ermo.
Meto-me em roupa feita em alfaiate,
em gravata e botinas,
relógio d'ouro do melhor quilate
e lunetas bem finas.
E vou-me, assim, a moda p'ra cidade.
Aí, à Vacas, vive o grande mundo,
aí há gente boa, ha sociedade.
Foi dito e feito: à noite, sem mais nada,
pilheva-se no chá de uma condessa
ou cousa que com isso se pareça,
feliz, como é um porco à madrugada...
Foi bem notado: lépido, cortez,
entre as damas de escol' saiu-se bem;
fez o seu "flirt" e, até filou francês.
Tocou, dansou, cantou... e foi alem...
Mas, logo após um tríduo,
Voltou o velho porco ao seu país,
Eé! lhe mugiu em coro todo o gado,
assim tão pouco assíduo?
Tão cedo? A sociedade não te quiz,
cu fez-te a sociedade pouco agrado?
Não, disse o Porco — é sã filosofia
de turista exigente.
Estava muito bem lá, mas enfadava
o pervertido ambiente
duma luxuria fria...
A ver o mesmo vício, invariavelmente,
em toda a parte a mesma porcaria".



entregou-se Paulo Lobo inteiramente à sua advocacia até 1920 quando passou a ocupar o cargo de diretor da Recebedoria de Rendas Estaduais de Campinas, sem contudo esquecer o jornalismo que continuou exercendo em apreciações dos fatos notórios da vida do país, de arte e de literatura e dos acontecimentos políticos em cujo campo, por toda a sua vida, manteve absoluta independência.

Dois fatos que me ocorrem, bem significam sua atividade: — quando estudante, ocupou o cargo de oficial de gabinete em secretaria de Estado; discordando de certa orientação governamental, exprobu o governo, pela imprensa e em comícios nos quais foi orador, tudo sem receio de represália que foi, inevitavelmente, sua saída do cargo oficial. Durante a primeira guerra européia, ao declarar o Brasil guerra a Alemanha, o povo de São Paulo empastelou o jornal alemão que se sediava à rua Libero Badaró; dois dias depois um deputado federal visitava, na redação depredada, o redator e à saída da visita, o abraçou carinhosamente no passeio da rua. Choveram ataques ao deputado que apontara a opinião pública e que não pôde assim, fugir à renúncia do mandato parlamentar; passados poucos meses o oficialismo apresentou o mesmo ex-deputado, candidato ao senado paulista o que também provocou protestos da imprensa livre integrada, neste passo, tampor por Paulo Lobo, em vibrantíssimo editoriais, embora estivesse ele filiado ao partido situacionista.

Um outro traço de elevação do seu caráter era a sua convicção religiosa sempre mantida e demonstrada com desassombro. No seu grande e boníssimo coração, vivia uma religiosidade profunda, fundamentada em sólido conhecimento doutrinário haurido na infância com os carinhos maternos, na adolescência com o zelo dos jesuitas e na mocidade com o exemplo paterno. Nunca o abandonou a sua crença, e para os embates da mocidade valia-se da proteção da Virgem Maria, rezando, mesmo nas mais equívocas situações da vida, invariavelmente em todos os dias de sua existência, uma ave-maria a Nossa Senhora como em tempo lhe aconselhara o pai, o fervorosíssimo e santo Maestro Elias Lobo.

Na idade propecta, aproximou-se mais da prática dos sacramentos e atos de piedade, da comunhão diária, da vigília na Adoração Noturna na Igreja do Rosário, ora desaparecida e no antanho a cargo carinhoso de sa-

cerdotes amigos Filhos do Coração de Maria. Na sua preferida tribuna, a imprensa, não deixou ele de se expressar à "Mater divinae gratiae" em formoso mês de maio, de cuja oração para aqui trago dois pequenos trechos:

"Em derramas de azul sem mancha o céu esplende e os zé-firos, como custódios da pureza cerúlea vão em avançada, de horizonte a horizonte, detendo nos extremos o cirrus mal humorado.

Brilham nos pulcros adornos do espaço garridices piedosas.

Hão de ser os pequenos querubins que adejam aos pés da Virgem, desgarrados de seus rutilos apogeus, espalhando as azas, pairando nas alturas, como sombras castas desse manto inviolado que cinge o corpo augusto da Mãe da divina graça. E' o mês das suaves jaculatórias em que o rito dos cristãos tem mais poesia, mais beleza e fausto a liturgia.

Cada prece é um hino de amor, cada invocação um consolo; o perdão desce redimindo culpas do passado com promes-

os mares que não de vir.

E sorriem nas galas dos sons, da cor e da luz dos altares que o fumo azul do incenso atigura suspensas e oscilantes nas ondas de espirais”.

“Mas, diante de Maria, que é santa, e que é meiga, os filhos se confundem, sob o mesmo reflexo de seu olhar de Mãe: vão ao seu conspecto as crianças canoras como passaros, envoltas nas mesmas flores da oferenda, vamos também os que delinquentes, de rastos, aos pés da mesma Virgem Imaculada, cobertos de culpa.

Nas preces o mortal se eleva a par dos justos e as preces a Maria, os querubins que o digam, os ceus atendem”.

A esta encantadora e poética página, não me caberia escusas si não juntasse dois formosos trechos que em domingo de Ramos fez Paulo Lobo iluminar as suas letras com um sol radioso, astro rei que do seu brilho e realza se fez em treva na morte do Crucificado:

“A luz da manhã surgiu em fim de aurora mais pura, porque o sol desse dia de Negor, quando ergueu-se surpreendendo a natureza em frêmitos de luxúria, distendeu o seu veu sem nódoas, como se, feitura desse instante, escapasse das mãos divinas para luzir pela primeira vez...

E iluminaram-se aquelas hortas torrentes e colinas, serros, beatos sítios que o profeta predissera como cenários da paixão divina.

E o povo das cercânias, quando a luz se fez, penetrou os muros de Jerusalem, despertada para as festas do Templo”.

E continua,

“O sol que as supremas promoções do gênio humano enviaceceram e ilustraram, guindando ao sólio entenebrecível de árbitro constelar, brilhou nas verdes palmas, refletiu nas torrentes de Siloem e no seio pedregoso do Cedráo, luziu nos pretórios de Pilatos, nas arcarias do Templo, nos saíões devassos de Hanah, nas alcovas de Cláudia, nos mármoreos de Moriah e nas paredes do cenáculo!

Prateou os mares ermos, antes que a primeira quilha se colasse ao seu dorso; dardejou sobre os bosques inviolados e searas santas que bendiziam de seus raios”.

“Esse mesmo que aclarou as eras de tirania e incesto em que o pecado nú e sadio habitava palácios de marfim: e bebia em ânforas de ouro, fonte de luz inestinguível, à hora do Supremo Sacrifício, na inteira plenitude de seus revêrberos desmaiou em síncope sensacional que as entranhas da terra perturbou e fendeu”.

—0—

Em princípios do século foi Paulo Lobo convidado pelo General Glicério a mudar-se para o Rio, campo vasto para expandir sua inteligência primorosa; teria posição política como os irmãos, seria, profetizavam os amigos, membro da Academia Brasileira de Letras, ele que contava entre seus admiradores um Coelho Neto não só para o admirar mas ainda até para colecionar suas crônicas. Mas, o meu patrono se havia apegado à Campinas, recusou-se deixá-la para aqui viver por mais de trinta anos até o seu falecimento em 26 de junho de 1932.

Passou, assim, da Campinas que renasceria das cinzas das epidemias e das depressões da crise cafeeira; da Campinas pacata de ruas que se iluminavam com lampêdes de gaz, que se agitavam com os bondinhos de tração animal, com os carros das famílias ricas, tirados por cavalos de raça, martelando bulhentos os paralelepípedos, com os carros de praça estacionados no largo da Matriz Velha, grandes, fechados e sacolejantes das suas vidracas; da Campinas das casas grandes e sobradões fidalgos, cheios de festas, de sarais animados pelas danças, pela músi-

ca, pela poesia a cargo dos moços mais letrados, pelos jogos e brinquedos de salão, em ricos ambientes, muitos adornados de mobiliário vindo da França entre os Sévres e porcelanas da Baviera ou de Viena ou de Capodi Monte, entre quadros de autores franceses ou dos retratos a óleo iluminados por resplandentes candelabros de cristal de Baccarat, tudo servido de iguarias e doces em brasonados limoges; passou dos tempos adversos e das suas grandezas remanescentes, ao renascer desta terra que ele tanto quiz, aqui vivendo sua vida e a dos seus; aqui erigindo o seu lar do qual foi chefe exemplatíssimo, aqui idolatrando seus filhos campineiros para se encantar mais tarde com os netos queridos.

Senhores, perdoem ter-vos dito eu, nesta noite, palavras minhas. Na messe florida da pena do meu patrono, caber-me-ia apenas aqui trazer a luz do seu verbo. E para a remissão que vos pedi de início, vou dizer-vos o que ele, como enamorado de Campinas, escreveu, luminoso e profético, sobre sua terra de adoção:

“Ilustre pátria das Artes, berço de “varões assinalados, terra do bem e do trabalho que o culto exaltas da fecunda ceres, ressurges que o sinto.

“Os templos teus que abrigam a arca santa dos invencíveis dogmas apostólicos transbordam de fiéis, apascentados na cordura e na piedade.

De férteis granjas a estrela da germinação loureja os teus campos e nos teus serros, que ressaltam verdeneiros do chão ubérrimos anosos cafesais aúna, poderosos como um exército, pródigos como um seio de mãe. E a sua luz de eterna primavera, os teus hortos aromáticos enflora, compondo esses matizes raros que as rosas e os crisântenos purpuram.

A justiça dos teus tribunais, reta e sábia, ilumina-se por sob a venda simbólica que a viseira comprime, ampara os fracos e os fortes contem, solene como a ordem, soberana como o direito.

A vida que dissemina pelas tuas artérias robustas, os obreiros infatigáveis, domina triunfal em surto de harmonia e agitação como em colmeias; e nas searas, nas forjas, nos prelos, nas mercâncias, nas escolas, nos laboratórios servos e senhores a luta fraterniza.

A infância, vergonça que se empalma virente, vivaz e palmeira, sabe a ciência dos números, mede o giro das estrelas, conjuza os verbos difíceis e conta segredos das plantas.

A juventude, preciosa prenda olímpica, resumo da suprema divindade, dá-te atletas, ó berços fortes na informatura donairosa no semblante.

E se tua mocidade passou o estrangeiro, baronizada e futil, discutindo o esporte e domando hienas sensuais do bosque de Milita, agora a vês guiada por veredas de eficiente “denodo, entendida de alfarrábios, forte no amanho das terras, presa do amor, conquistando ninhos...

E os velhos teus, bondosos e pálidos, alquebrados de membros e lúcidos de espírito, deixam refletir na alvintência das barbas a candura virginal de seus costumes e tem brilhos nos olhos que a nós inespertos viajores os abismos denunciam.

Mansuetos, indulgentes não sabem mal dizer, não sabem condenar.

Floresces minha terra, que eu o sinto e a tua ressurreição não confunde os guardas do túmulo, nem os apóstolos da tua grandeza sofrem mártiros.

Berço amágio, benfazejo e prolífico, rio de imprensa e gás, de ferro carril e liceus, desdobra teu tanto roçagante e deixa que o ar, a luz, as formas tuas da tua grandeza banhem.”



Cam